

A CONSTITUIÇÃO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE: POSSIBILIDADES ENTRE PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE¹

Gabriel Aquino Nascimento Gabeira²
Isabella Banni Félix de Oliveira³
Larissa Costa Braz⁴
Camila Barbosa de Novaes⁵
Rayane de Cássia Rezende⁶
Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente⁷

RESUMO

Esse artigo visa apresentar a constituição da Liga Acadêmica de Psicanálise (NÓS) do Centro Universitário Academia. Por meio de uma revisão bibliográfica, fez-se uma pesquisa acerca dos dispositivos das ligas acadêmicas na extensão universitária brasileira, acrescida de uma revisão sobre as relações possíveis entre o discurso psicanalítico e o discurso universitário. Mapeadas as possibilidades, o artigo traz um relato de experiência do momento inicial do projeto a partir do tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão) e das diferenças que ele guarda para o tripé analítico (análise pessoal, formação teórica e supervisão). A aposta da Liga é a de que se possa transmitir para a comunidade acadêmica uma outra relação com o saber e algo possa surgir da confluência entre um trabalho focado na teoria psicanalítica dentro de um espaço universitário em um curso de Psicologia.

ABSTRACT

This article aims to present the constitution of the Academic League of Psychoanalysis (NÓS) of the Academia University Center. Through a literature review, a research about the devices of academic leagues in the Brazilian university extension was done, plus a review of the possible relations between psychoanalytic discourse and university discourse. After mapping the possibilities, the article brings an experience account of the initial moment of the project from the university triad (teaching, research and extension) and the differences that it holds for the analytic triad (personal analysis, theoretical training and supervision). The League's bet is that it can transmit to the academic community another relationship with knowledge and that something can arise from the confluence between a work focused on psychoanalytic theory within a university space in a Psychology course.

Palavras-chave: psicanálise; universidade; transmissão; liga acadêmica.

¹ Artigo produzido pelos membros da Liga Acadêmica de Psicanálise como exigência anual do Centro de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: gbrakvn@gmail.com

³ Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: isabellabfelig@gmail.com

⁴ Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: brazpsic@gmail.com

⁵ Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: camilasnovaesss@gmail.com

⁶ Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: rayanecrez@gmail.com

⁷ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) e docente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: rcacastelo@bol.com.br

*Na condição de estrangeiro que afirma sua posição, um psicanalista pode vir a sustentar um lugar de questionamento frente ao campo em que se encontra, em certo modo de enunciação que permite que as questões sejam colocadas na ordem das normas e da língua daquela comunidade. O questionamento que permite o fora-dentro, a exclusão interna, traz à tona o (des)conhecido – estar no campo, sem, no entanto, deixar-se assimilar ou homogeneizar; restar estranho, outro, desconhecido, **Unheimlich**.*

Suely Aires (2013), p. 36.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar a Liga Acadêmica de Psicanálise (NÓS) a partir de um percurso de revisão bibliográfica a respeito de (1) a extensão universitária e o dispositivo das Ligas Acadêmicas, como ferramentas que possibilitaram essa constituição; (2) as discussões entre psicanálise e universidade, que forneceram questões fundamentais para que se pudesse articular dois discursos que comportam diferenças, a saber: o discurso universitário e o discurso psicanalítico. Buscamos em seguida a essa investigação elaborar uma narrativização da nossa experiência para localizar o que foi possível a partir da criação do projeto.

Em geral, alunos de cursos de Psicologia apresentam um grande interesse pela psicanálise. Essa afirmação faz parte da história do curso de Psicologia no Centro Universitário Academia, sendo responsável por consolidar a instituição em uma posição difusora da teoria e prática psicanalítica em Juiz de Fora. Em 2021, o grupo de estudos institucional em Fundamentos da Psicanálise contou com 76 alunos matriculados, reafirmando o interesse profundo por esse segmento de estudos. A Liga Acadêmica de Psicanálise (NÓS) nasce, portanto, da iniciativa de alguns estudantes de Psicologia que, diante do atual contexto de uma formação e de uma realidade social de mercantilização do saber e da cura, problematizam a construção de uma cultura acadêmica que se voltasse para a produção de estudos e práticas que retornam à ética do sujeito proposta pela psicanálise.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) reconhecem a prática das atividades da liga acadêmica e incentivam essas ações, partindo do princípio de que a grade curricular dos cursos de graduação não é o suficiente na preparação para o mercado de trabalho. A Liga parte de uma metodologia participativa com reuniões semanais e o cultivo de uma posição mais ativa do discente na construção do

processo formativo. A construção desse projeto visa o aprofundamento discente com discussões teórico-conceituais e clínicas, fomentar a participação dos alunos na organização de eventos científicos e produzir um material audiovisual capaz de divulgar a psicanálise diante da imensidão de temas em que ela se faz pertinente.

Partindo dessa perspectiva, foram delineados os objetivos que irão conduzir a atuação, pelo menos inicial, da liga: promover atividades e eventos científicos relacionados à psicanálise; oferecer um dispositivo participativo e se constituir como um incentivo à participação dos alunos na organização de eventos já recorrentes no Centro Universitário Academia; promover contato entre alunos da graduação e da pós-graduação em Teoria Psicanalítica (e com isso apresentar a pós-graduação como um caminho de investigação possível para as relações entre psicanálise e universidade, cf. FIGUEIREDO, 2008); fomentar o aprofundamento em temas pertinentes ao campo psicanalítico em continuidade com o empreendimento do Grupo de Estudos em Psicanálise; incentivo à pesquisa; pensar na promoção de atividades de extensão junto ao corpo docente que trabalha com a orientação psicanalítica no curso de Psicologia; e a produção de material audiovisual.

Em vista disso, o presente artigo interpela em seu desenvolvimento uma breve contextualização teórica sobre a extensão universitária e os sentidos de existência de uma liga acadêmica, seguido de um panorama da presença da psicanálise nas universidades. Posteriormente, será apresentado, sob a forma de relato de experiência, as primeiras atuações da NÓS voltadas para a rememoração da história da psicanálise na cidade de Juiz de Fora.

2. EXTENSÃO EM UNIVERSIDADE: O QUE É UMA LIGA ACADÊMICA?

De modo distinto ao tripé formativo preconizado por Freud (2010/1919) que consiste em análise pessoal, supervisão e formação teórica, as universidades funcionam a partir de um princípio de indissociabilidade tríptico entre ensino, pesquisa e extensão — estabelecido na constituição de 1988 e consolidado com mais expressividade a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1966 e das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) (TORRES et al., 2008).

As Ligas Acadêmicas no Brasil são inicialmente arquitetadas nas universidades no século XX, em um contexto marcado por conflitos advindos da ditadura militar, que demandava das associações estudantis um olhar crítico e interrogativo acerca do contexto político-social e as aplicabilidades do ensino superior nos avanços

tecnológicos e teóricos (TORRES et al., 2008). As legislações citadas anteriormente estabeleceram o papel da educação superior na formação acadêmica, destacando o estímulo ao conhecimento dos problemas da sociedade, com o propósito de formar profissionais nas mais variadas áreas do conhecimento, capacitados para prática profissional e muitas vezes com viés cidadanista.

Sendo assim, as Ligas Acadêmicas visam promover que pesquisas e estudos acadêmicos alcancem a comunidade de forma geral por meio da prática profissional, extracurricular e complementar, visando uma interação ativa com a sociedade. Assim, possibilitam a ampliação do raciocínio científico e tecnológico, assim como o senso crítico (CAVALCANTE et al., 2018). É característico ainda das Ligas Acadêmicas a proposição de uma participação ativa de seus membros (BATISTA; BERNARDES; MENEGON, 2014).

Em nossa instituição (Centro Universitário Academia), a existência de Ligas é uma prática de extensão consolidada — estão em funcionamento a Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária (CALAIS et al., 2018) e a Liga Acadêmica de Psicologia da Saúde (OLIVEIRA et al., 2019). Sendo esses projetos anteriores à criação da Liga Acadêmica de Psicanálise, serviram como modelos do que era possível executar no âmbito institucional da extensão. Subscrevemos, portanto, a definição oferecida pelo artigo da Liga Acadêmica de Psicologia da Saúde ao nos entendermos como parte das “[...] associações sem fins lucrativos e de duração indeterminada, constituídas por estudantes que estão sob coordenação de um ou mais professores” (OLIVEIRA et. al, 2019, p. 2).

3. PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE

A Universidade (buscando uma nomeação menos jurídica para o que também poderia ser chamado de *Instituições de Ensino Superior — IES* na legislação brasileira) é aquela que concentra o discurso científico e filosófico, especialmente se considerarmos o cenário brasileiro em que predomina a ausência de grandes instituições de caráter privado que atuam como fomentadoras de pesquisas, como informa reportagem da Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Sobre isso, Jacques-Alain Miller (1981) nos ensina:

[...] é necessário tomar consciência de que o discurso científico tanto quanto o discurso filosófico tiveram uma existência anterior à universidade e que num

determinado momento da História essa instituição capturou, monopolizou progressivamente a transmissão desse saber. (p. 6)

Tomemos aqui emprestado a posição que o filósofo francês Michel Foucault (2009/1969), em sua conferência “*O que é um autor?*”, situa Freud — ao lado de Karl Marx — como um dos mais importantes “fundadores de uma discursividade”. Fundar uma discursividade possui o sentido de possibilitar “[...] um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, as suas hipóteses, que dizem todas respeito ao próprio discurso psicanalítico” (FOUCAULT, 2009/1969, p. 282). Sobre a especificidade desse discurso, Aires (2013) nos garante a definição: “[...] único discurso que pode enunciar o inconsciente sem negá-lo” (p. 34).

Desde Freud (2010/1919) os psicanalistas perguntam-se qual o lugar do discurso psicanalítico na universidade. A respeito dessa questão constantemente atualizada, podemos citar como exemplo o contemporâneo debate nos jornais brasileiros suscitados a partir da criação de um curso de bacharelado em psicanálise — proposta rechaçada pelo *Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras* (JORGE, 2022).

Em breve revisão bibliográfica de produções de psicanalistas a respeito da articulação entre psicanálise e universidade, fomos capazes de elaborar algo a dizer sobre essas considerações e o quanto elas se relacionam com a constituição e o funcionamento deste projeto. É em consonância com a afirmação de Figueiredo (2008) que procuramos situar essa questão:

Se, para Freud, resta à Universidade apenas um saber sobre a psicanálise, e para Lacan, fica a burocracia do Discurso Universitário como seu paradigma, não temos mais o que dizer a respeito disso. Entretanto, a história nos mostra algo mais complexo, que exige um exame mais cuidadoso e menos apressado, já que não podemos nos render aos preceitos e preconceitos, o que seria uma direção realmente anti-psicanalítica. (p. 238).

O saber *sobre* a psicanálise que Freud (2010/1919) fala ser possível está de acordo com aquilo que Miller (1981) descreve como um “um saber elaborado a partir da história da psicanálise, de suas diferentes tendências, da história dos conceitos em jogo e das diferentes instituições” (p. 6). Nas graduações com suas configurações curriculares, Figueiredo (2008) defende que “só é possível um saber sobre a psicanálise” (p. 245). Esse saber universitário é nomeado como um “*tout savoir*” — um saber *todo* — (FIGUEIREDO, 2008, p. 249) que entra em conflito com a

psicanálise, haja vista que ela “se organiza e produz conceitos justamente em torno da impossibilidade de um enunciado ser completo” (ROSA, 2001, p. 193). Não se *ensina* psicanálise, se *transmite* (ROSA, 2001). Deve-se ainda, fazendo eco ao ensino lacaniano, “poder incluir suas questões e poder pensá-las a partir da psicanálise” (ROSA, 2001, p. 195). Sobre essa mudança na posição universitária, Miller (1981) descreve a relação com o saber que a análise implica:

A posição na análise é completamente diferente. O que se constitui em regra fundamental dessa experiência, tal como Freud a entendia, é que o sujeito que se entrega a ela, coloca-se estruturalmente na posição de não saber o que diz. Alguém que aceita suspender a posição de ‘eu digo que’ e diz mais do que sabe, aceitando ser continuamente ultrapassado por suas próprias palavras. (p. 6)

Cabe ressaltar a presença marcante da psicanálise especificamente nos cursos de Psicologia (AIRES, 2013; FIGUEIREDO, 2008; ROSA, 2001) e uma diferente posição de saber nas supervisões de estágio em clínicas-escola (AIRES, 2013) advinda da relação entre supervisor e o aluno, que “[...] nesse momento, se encontra em posição de sujeito dividido” (FIGUEIREDO, 2008, p. 247). A presença da psicanálise nos cursos de Psicologia, que é “hoje, no Brasil, um campo no qual se realizam embates teóricos e políticos sobre os meios de enfrentamento das diversas formas de sofrimento humano” (ROSA, 2001, p. 191), faz ainda com que a Universidade se torne uma via de “circulação do saber” (PRADO, 2019, p. 88). O contato com práxis como as de Jacques Lacan oferece necessárias reformulações das visões psicológicas do sujeito para aqueles que se aproximam da psicanálise a partir do curso de Psicologia, de certo que a psicanálise e a “psicologia tradicional acadêmica” não são equivalentes (PARKER, 2003).

Restam possibilidades ainda, articulando os conceitos de *psicanálise em intensão* (a clínica em si) e *psicanálise em extensão* (a psicanálise nos outros espaços) de oferecer uma mudança na posição subjetiva diante do saber daqueles que ocupam os espaços da universidade, especialmente nos cursos de Psicologia de onde falamos (FIGUEIREDO, 2008).

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA

A Liga Acadêmica de Psicanálise (NÓS) surge como uma iniciativa de alunos da graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia vinculados ao Grupo

de Estudos em Fundamentos da Psicanálise coordenado pela Prof^a. Ms. Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente. De acordo com o que Prado (2019) conclui ao afirmar que “[...] a possibilidade em sustentar a psicanálise na universidade parece estar no psicanalista-professor fazer de seu corpo um representante do discurso psicanalítico e carregar, em seus atos, a marca de uma ética” (p. 89), foi o encontro com a psicanalista-professora que nos provocou a inventar um espaço em que a psicanálise pudesse ocupar mais do que um lugar histórico ou teórico de uma psicologia de mera influência psicanalítica (FIGUEIREDO, 2008) nas disciplinas curriculares. Tecemos juntos um projeto que pudesse abarcar as exigências institucionais universitárias e ao mesmo tempo possibilitar um *furo* para que um contato maior com a psicanálise fosse possível.

Nossa proposta não é a de um primeiro contato com a psicanálise nos moldes do ensino universitário. Aos que querem ter esse primeiro contato na universidade, existem possibilidades como as disciplinas curriculares obrigatórias e, de forma mais intensa, o grupo de estudos. NÓS nos reunimos semanalmente e visamos sustentar inclusive um espaço propício à recepção do mal-estar acadêmico, espaço de trocas entre universitários de diferentes etapas do curso que compartilham de um interesse pela psicanálise. Essas trocas, com sorte, acabam provocando o desejo por um *outro* saber. Há, no entanto, estudo teórico: elegemos temas fundamentais ao exercício da psicanálise em todas as suas dimensões, sobretudo éticas. Durante esse primeiro ano, fez-se necessário o estudo da caracterização do campo psicanalítico, da política da psicanálise e a da saúde mental, os aspectos que estão ligados à direção do tratamento, a psicanálise nas instituições, a clínica das psicoses, etc.

Com uma integração à pós-graduação em Teoria Psicanalítica, podemos perceber aquilo que Figueiredo (2008) caracteriza como a diferença entre a graduação e pós-graduação na relação com a psicanálise. O contato com a pós-graduação, em concordância com o que argumenta Ana Cristina Figueiredo, é o contato com pessoas que “[...] [pressupõem] um novo momento para a suposição de saber dirigida a determinada universidade, ou curso, ou grupo de professores em relação à psicanálise.” (FIGUEIREDO, 2008, p. 246). Esse movimento faz com que sejamos mais capazes de sair da posição passiva do aluno e nos implicar naquilo que buscamos saber. “Fazer do sintoma um estilo” (FIGUEIREDO, 2008, p. 242).

Não se pode equivaler os dois tripés, mas é interessante observar que alguns participantes da Liga optaram por darem início (ou retomarem) à uma análise pessoal após terem entrado no grupo.

Na dimensão da pesquisa, a investigação iniciada pelo grupo foi a de buscar os rastros da história da psicanálise em Juiz de Fora - MG. Levando em conta que a nossa instituição pode ser considerada um pólo difusor da psicanálise em Juiz de Fora, haja vista que é o curso mais antigo de Psicologia do município e desde 1972 (data de sua criação) apresenta relações com a psicanálise, o tema concebido é extremamente frutífero. Diante da tarefa enunciada por Jacques Lacan (1998/1953) de “que antes renuncie a isso [a prática da psicanálise], portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (p. 322), sentimos a necessidade de empreender uma escrita da história daqueles que constituíram o campo e deixaram marcas nas instituições e comunidades analíticas presentes em nossa cidade. Um *retorno* necessário para que possamos fazer parte da renovação epistemológica que demandamos. A pesquisa deste ano inicial tem, portanto, caráter historiográfico e adota entrevistas e transcrições como método.

No sentido da extensão universitária, nos dispomos a organização de eventos científicos abertos para a comunidade em modalidades presenciais e remotas. Os temas são movidos pela sugestão dos participantes. O encontro com psicanalistas, muitas vezes também com formação em Psicologia, faz com que encontremos uma forma de complementar os nossos estudos ao mesmo tempo que visamos difundir temas de relevância seguindo uma alternância entre o local e o global. Para alguns membros da Liga, foi a partir dela que desempenharam o papel de organizadores de evento pela primeira vez. Ainda nos preceitos da extensão universitária, estabelecemos um primeiro contato com a comunidade analítica de Juiz de Fora a partir das Escolas de psicanálise — resultando na troca mais intensa com aqueles que nomeiam “psicanalistas” a partir de uma autorização de si mesmo e de alguns outros (suas respectivas Escolas).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões levantadas no artigo, é possível dizer de uma aposta nesse momento inicial de que a Liga Acadêmica de Psicanálise continue a fortalecer o percurso formativo nesse espaço. Por conta de ser justamente um

momento inicial do projeto, ainda é preciso elaborar os efeitos que são sentidos tanto nos participantes quanto na comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

AIRES, S. Imagens do analista na universidade. **Trivium**, v. 5., n. 1, p. 30-38, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912013000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 out. 2022.

BATISTA, C.; BERNARDES, J.; MENEGON, V. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, M; B BRIGADÃO, J; NASCIMENTO, V;CORDEIRO, M (orgs). **A produção de informação na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

CALAIS, L.B.; RODRIGUES, A.C.M.; FURTADO, B.D.; SILVEIRA, C.S.; FORTES, L.C.I.S.; SILVA, M.V.L. LAÇO: A construção de uma Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária como prática transformadora. **Analecta**, v. 4, n. 4, p. 498-514, 2018.

CAVALCANTE, A.S.P.; VASCONCELOS, M.I.O.; LIRA, G.V.; HENRIQUES, R.L.M.; ALBUQUERQUE, I.N.M.; MACIEL, G.P.; RIBEIRO, M.A.; GOMES, D.F. As ligas acadêmicas na área da saúde: lacunas do conhecimento na produção científica brasileira. **Revista Brasileira de educação médica**, v. 42, p. 199-206, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/k7qRfT6dmKPXk4Rx49TVBQw/?format=pdf&lang=p>> Acesso em 06 out. 2022.

FIGUEIREDO, A.C. Psicanálise e universidade: reflexões sobre uma conjunção ainda possível. **Fractal: Revista de Psicologia** [online], v. 20., n. 1, p. 237-252, 2008. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000100022>>. Acesso em 06 out. 2022.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: _____. **Ditos & Escritos III**. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 264-298, 2009. (Originalmente publicado em 1969).

FREUD, S. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: _____. **Obras completas**, v. 14. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Originalmente publicado em 1919).

_____. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In: _____, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. 12, pp. 191-203, 1980. (Trabalho original publicado em 1914)

JORGE, M.A.C. Bacharelado em psicanálise é aberração. Folha de São Paulo [edição online], ano 101, n. 33.887, 11 jan. 2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/01/bacharelado-em-psicanalise-e-aberracao.shtml>>. Acesso em: 06 out. 2022.

MILLER, J-A. Os conflitos e as riquezas da psicanálise. [Entrevista concedida a José Augusto Guilhon Albuquerque e Maria Carneiro da Cunha]. **Folhetim** [Folha de São Paulo], São Paulo, p. 6-7, 29 nov. 1981.

OLIVEIRA, C.P.; PACHECO, L.P.; ZANETTE, M.S.; DUTRA, R.M.; FARIA, H.M.C. Liga Acadêmica de Psicologia da Saúde: compromisso social e formativo. **Analecta**, v. 5, n. 5, p. 1-16, 2019.

PARKER, I. Jacques Lacan, barred psychologist. **Theory & Psychology**, v. 13, n. 1, p. 95-115, 2003.

PRADO, C.E.A. Qual política ao psicanalista (e seu corpo) na universidade? **Stylus** (Rio J.), n. 39, p. 83-89, 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 out. 2022.

ROSA, M.D. Psicanálise na Universidade: considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de Psicologia. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 189-199, 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/63384>>. Acesso em 06 out. 2022.

TORRES, A.R.; OLIVEIRA, G.M.; YAMAMOTO, F.M.; LIMA, M.C.P. Ligas Acadêmicas e formação médica: contribuições e desafios. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online], v. 12, n. 27, p. 713-720, 2008. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000400003>>. Acesso em: 06 out. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pesquisa produzida no Brasil está concentrada nas universidades públicas. **Jornal UFMG**, 12 abr. 2019. Disponível em <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/pesquisa-produzida-no-brasil-esta-concentrada-nas-universidades-publicas>>. Acesso em: 06 out. 2022.